

## A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA DO HOMEM GAY: PADRONIZAÇÃO ESTÉTICA, AFEMINOFOBIA E VIGOREXIA

*Thiago Colmenero Cunha*<sup>16</sup>

Psicólogo (UFRJ), pedagogo (UNIRIO), mestre e doutor em Psicologia (UFRJ). Professor da graduação em Psicologia da Universidade Santa Úrsula (USU), campus Botafogo e Colégio.

*Nicolas Tatagiba Medina Mattos*

Psicólogo formado pela Universidade Santa Úrsula (USU)

### RESUMO

Nesta pesquisa é questionada a constituição contemporânea da subjetividade de indivíduos homossexuais e seus atravessamentos potencializados por uma padronização estética e corporal através do contato com o outro, com a sociedade e com as redes sociais que atuam como validadores capazes de determinar a inclusão ou exclusão desses corpos. Utiliza-se como referenciais teóricos Jacques Lacan, Sigmund Freud e Eve Sedgwick para elucidação dos conceitos deste artigo. Desenvolve-se a apresentação do processo de ação da mídia social na constituição subjetiva de percepção do sujeito, o processo da criação identitária através do estágio do espelho e o narcisismo. Os sintomas como a afeminofobia e vigorexia vinculam-se a alienação social e midiática com influências do patriarcado e a visão do corpo como objeto de consumo. Conclui-se que é possível refletir sobre os processos de simbolização desse período de desenvolvimento questionando-os se realmente são essenciais à constituição da subjetividade.

**Palavras-chave:** Afeminofobia; Estética; Gênero; Mídia; Subjetividade

### ABSTRACT

This research questions the contemporary constitution of the subjectivity of homosexual individuals and their crossings enhanced by an aesthetic and body standardization through contact with the other, with society and with social networks that act as validators capable of determining the inclusion or exclusion of these bodies. Jacques Lacan, Sigmund Freud and Eve Sedgwick are used as theoretical references to elucidate the concepts of this article. The presentation of the process of action of social media in the subjective constitution of perception of the subject, the process of identity creation through the mirror stage and narcissism is developed. Symptoms such as effeminophobia and vigorexia are linked to social and media alienation with influences of patriarchy and the view of the body as an object of consumption. It is concluded that it is possible to reflect on the processes of symbolization of this period of development by questioning whether they are really essential to the constitution of subjectivity.

**Abstract:** Afeminophobia; Aesthetics; Gender; Media; Subjectivity

---

16E-mail para contato: colmenerocunha@gmail.com

## INTRODUÇÃO

*Disque 100 – Ministério dos Direitos Humanos*

*Denúncia de casos que violem os direitos humanos, como a LGBTfobia – descrédito, opressão, discriminação e violência contra a comunidade lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e transgênero (Gov.br, 2021).*

Fazendo uma análise histórica-cultural a respeito do conceito de corpo masculino, pode-se perceber que o mesmo, vem se alterando com o passar dos anos. Sabemos que o conceito de estética é mutável se observado em diversas variáveis, como por exemplo, a biológica, cultural e social (Wolf, 1992). Com isso, pode-se analisar que durante a pré-história, o corpo do homem era considerado como arma de sobrevivência, pois necessitavam do mesmo para caça e fuga de predadores. Na idade antiga, não se tinha uma noção do conceito de estética. Entretanto, Platão criou a concepção do “belo”, característica para se determinar o lógico, moral, ético e bom (Santanella, 1994). Na idade média, por conta da ação da igreja, o cuidado com o corpo, e com isso se diz respeito a higiene, sexualidade e estética, foram deixados de lado, pois para esse período da história, esses hábitos eram considerados imorais, profanos e indecentes, já que iam contra os ideais da igreja (Le Goff, Pouthier, 2007). Logo, a ideia de estética masculina estava mais voltada para questão de poder e o quanto esse indivíduo era próximo ao status supremo de hierarquia, neste caso, o rei.

No período do renascimento, os valores de culto ao corpo se reinstauram, com isso, a representação do homem era vista de uma forma diferente. Possuíam aspecto de sedução e nudez, eram musculosos e não possuíam pelos. Como também, o período renascentista, datado pelo século XIV tinha a ideia de beleza estética o tamanho da testa dos indivíduos. Quanto maior e aparente fosse, mais bonita seria considerada a pessoa (De lima, 2019).

No século XV, Le Goff e Pouthier (2007) ressaltam que o padrão de beleza estético era representado pelas curvas, ou seja, pessoas acima do peso eram vistas como belas, já as magras eram vistas como sem saúde e despidas de beleza. Para época, pessoas consideradas mais avantajadas era um sinal de fartura e representavam a elite, pois só quem tinha dinheiro ou fizesse parte da nobreza tinha acesso a comida. A variação desse conceito foi se alterando a partir do século XX, onde com o avanço tecnológico e a nova presença de uma produção midiática, fez com que os homens adotassem um novo tipo de identidade. “O corpo é a abominável vestimenta da alma” (Le Goff, Truong, 1924: 11).

Gilbert (2016) acrescenta que a década de 60 foi marcada por uma estética hippie, onde por fatores culturais e sociais determinaram que o corpo e a visão de beleza fossem caracterizados por

homens magros, de cabelos longos e com um estilo alternativo. Entretanto, nos anos 90 o corpo masculino foi determinado pelo fisiculturismo, uma prática que persiste em um treinamento intenso de desenvolvimento muscular para fins estéticos e competitivos. Com a presença de novos modelos e corpos a serem seguidos, muitos jovens se espelharam na produção de um novo tipo estética e um novo tipo de sintoma social. Essa ideia corporal e estética fez com que concebessem como ideal as características como altura, corte de cabelo, rostos simétricos e corpos musculosos.

A análise histórica e também cronológica, servem para mostrar como que o conceito de “ideal” vem sendo mutável e se moldando conforme os anos vão passando. Na atualidade vê-se que a insatisfação dos indivíduos pelo seu próprio corpo tem crescido bastante devido a presença de uma ditadura estética padronizada e normatizada que coloniza, rejeita, marginaliza, oprime e silencia corpos ditados como “feios”, isto é, não hegemônicos. Essa pressão social tem se tornado mais evidente por conta das ações das mídias sociais e figuras públicas que estão constantemente produzindo conteúdos voltados para aparência física e estética, tornando assim, cada vez mais evidente uma resposta curta e rápida sobre a percepção do conceito imagético do próprio indivíduo. A existência de aplicativos<sup>17</sup> de relacionamentos e de encontros também são um dos fatores principais que reforçam o estereotipo do corpo como objeto de consumo. São analisadas as fotos dos usuários como forma de seletividade. Nesse estilo de aplicativo, os usuários são colocados como se fossem “itens de um cardápio”, e assim, se escolhem apenas os que os agradam, ou no sentido figurado, o “prato que querem comer”.

Nota-se o impacto que a mídia e as plataformas digitais têm influenciado o cotidiano dos seres humanos desde sua chegada. O avanço tecnológico possibilitou uma nova era social, e com isso, novos costumes e padrões a serem seguidos. A presença das campanhas publicitárias, aplicativos de celulares/redes sociais, programas de televisão e filmes cinematográficos foram de certa forma um estopim para nova produção de um objeto de consumo: o corpo humano padronizado. Aqui é contextualizado o corpo padronizado de corpo estético “ideal” numa visão social, onde debate-se também a respeito de como esses corpos são capazes de aniquilar a subjetividade, tanto própria quanto do outro, a partir do momento em que visa-se e capacita-se uns aos outros somente como “um corpo” e abandonando o conceito de se sentir bem com o próprio e também, de incomodar-se com os de outras pessoas.

---

17 Tinder, Happn, Grindr e Hornet são os principais aplicativos considerados de encontro.

O conceito de sexualidade é mutável, e de acordo com Foucault (1985) é um termo do século XIX, pertencente a sociedade moderna. Tendo em vista que o modelo de homem ideal, nesta sociedade ocidental moderna, é visado pela representação falocêntrica, eurocêntrica e patriarcal, utilizando de termos de Lacan (1998), esse falo representaria a virilidade e o poder do corpo masculino – cis, branco, heteronormativo. Atrélado isso ao conceito imagético, o indivíduo que se enquadra nos aspectos da padronização estética social, está num pedestal de superioridade. Fazendo uma comparação ao falocentrismo a regra fálica, baseia-se no domínio de superioridade masculina e inferioridade feminina, por conta da presença do falo, que é a representação do poder. Ao analisar a estrutura relacional dos sujeitos homossexuais, pode-se notar que os indivíduos que se comportam como heteronormativos, ou seja, que desenvolvem um jeito similar à de homens heteros, com voz grossa, muito musculoso e “dentro do armário<sup>18</sup>”, são categorizados com a presença do falo. Já indivíduos afeminados, com voz fina e com corpos que desviam de um possível padrão estético hegemônico de um padrão comum, sejam eles muito magros ou acima do peso, são categorizados como o feminino e desviantes, sem a presença do falo.

Essa ideia de superioridade vem do patriarcado ou como Bourdieu (1998) denomina de Dominação Masculina, que submete a figura feminina ao lugar de inferioridade em relação a figura masculina. Com isso, surge o conceito de Afeminofobia (Sedgwick, 1993), que irá ser trabalhado ao decorrer do artigo, que precede a homofobia por tratar-se de já tecer uma opinião a respeito de um indivíduo só pelo olhar. Moura, Nascimento e Barros (2017) reiteram que é o desprezo por aqueles que não performam o seu papel social de gênero, neste caso, para homens homossexuais que se apresentam ou são vistos socialmente como afeminados (figura feminina). Compreende-se papéis sociais como “padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar” (Louro, 1997: 24). Na sociedade colonial-patriarcal, tudo o que foge do que entendem/interpretam como normalidade é taxado de uma maneira negativa, e na visão da sexualidade, considera-se doença. Logo, reforça o conteúdo citado acima, de que se um indivíduo não se enquadra no que é esperado, é excluído e é tratado como inferior, como também seria a rejeição do patriarcado e o abandono da integridade desse indivíduo (Veiga, 2018).

Há uma ambivalência a ser discutida a respeito da sexualidade e da padronização estética existida no mundo gay, onde existe o falo, o dominante e o sem falo, o excluído e submisso (Lacan,

---

18 Dentro do armário - faz referência à sujeitos que não se assumem homossexuais por medo por conta de pressão social, cultural e familiar, mas mantem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo em segredo.

1998). Esses que são constantemente humilhados e marginalizados por conta de seus papéis performáticos (Butler, 2011) sociais e que fogem da ideia heteronormativa patriarcal, mas que ao mesmo tempo, por estarem inseridos numa sociedade que dita constantemente e massivamente padrões e costumes a serem seguidos, e de certa forma consumidos, sentem desejo por esses corpos que os reprimem. Essa contraposição de como surge essa ideia de desejo por aqueles que os rejeitam, mostra claramente o poder da alienação e internalização cultural e social do sujeito.

Logo, no presente artigo, de acordo com a metodologia qualitativa a partir da revisão bibliográfica sobre diversos autores e autoras que versam sobre o tema serão apresentados sintomas vivenciados por indivíduos homens, em específico gays, trazendo marcadores interseccionais de raça e classe social, por conta de uma pressão estética veiculada pela sociedade, mídias sociais e aplicativos de relacionamento que estipulam normas de conduta e de apreciação. Entende-se que esse tipo metodologia foi escolhido, pois abrange os processos descritivos e analíticos, como contextualizações históricas e processos de subjetivação do eu e do desejo desse sujeito. O termo sintoma é categorizado por serem atribuídos a esses indivíduos como forma de alienação e internalização (in)consciente do ser gay e o ser homem na sociedade contemporânea e digital, levando em consideração as angústias vividas com as insatisfações corporais próprias e do outro, como também, discursos e ações que caracterizam preconceitos dentro da própria comunidade gay.

### **PLATAFORMAS ALIENANTES E SEUS ATRAVESSAMENTOS**

A ideia de mídia como fonte produtora de sintomas, seria a criação de fragmentos de conteúdos representados no ciberespaço por esses indivíduos, possibilitando a construção de uma imagem como também, um status que desejam se sentir representados. Por sua vez, essas características, se constituem a partir de estereótipos culturais alienantes que circulam no âmbito social (Bauman, 1999). Desse modo, a mídia se apresenta como uma ferramenta de transmissão cultural predominante, demarcando a subjetividade dos indivíduos e participando diretamente da fabricação desses padrões estéticos de beleza que ajudam a provocar transtornos (Barbosa, Da Silva, 2016).

Nesse sentido, a imagem que esses indivíduos fazem outras pessoas acreditarem existir é simultaneamente a imagem que eles desejam se apegar e construir a partir da publicação de fotografias, vídeos e textos em suas páginas de redes sociais determinando, de certa forma, os gostos e valores de cada comportamento, atitude e escolha que direcionam os conteúdos publicados. A

representação de si nas plataformas digitais está atrelada também as formas de consumo, sejam elas materiais ou simbólicas, ou seja, necessita dessa materialização de significantes para que sua existência aconteça. A significação social, seria um subsídio responsável pela interação entre os atores, uma vez que constrói alicerces para o gerenciamento de suas subjetividades. Sendo assim, o objeto de consumo é parte visível da cultura, podendo desse modo, questionar os valores que são atribuídos a esses corpos que são atravessados constantemente por informações, normas e valores como forma de construção identitária, uma vez que se apropriam disso (Douglas, Isherwood, 2004). Sendo esse um espaço no qual o sujeito tem o poder de administrar as interações, permitindo ou não a exposição sobre si com maior facilidade, isso é, dimensões “alterdirigidas” da subjetividade que de acordo com Sibília (2008) seriam construções de si orientadas para uma exposição que objetiva legitimar formas de ser e estar.

Diante de um vazio, nós o recobrimos com uma estética. E quando é uma estética que se nos apresenta, nós a preenchemos com uma essência presumida, criada ou alucinada (Medeiros, 2012: 40).

Nesse contexto, foi realizado uma pesquisa<sup>19</sup> em 2019 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em que 82,7% da população possui acesso à internet em seu domicílio, sendo 98,6% dos entrevistados tendo um aparelho celular e 74,7% deles só a utilizavam por meio do celular, sendo as redes sociais as plataformas digitais mais acessadas na internet por essas pessoas. Trazendo o Instagram como exemplo, pode-se perceber que em 2019, de acordo com outra pesquisa<sup>20</sup> feita pela revista Época a respeito do tempo médio que as pessoas passam nas redes sociais, aponta que o Brasil ficou em 2º lugar, chegando a uma média de 225 minutos por dia, isso é equivalente à 3 horas e 45 minutos diariamente, mostrando a forte influência que os meios digitais têm sobre os indivíduos.

Fazer uso de dispositivos sociais são formas de reafirmar uma possível construção de subjetividade sintomática e dependente, na qual a colaboração e interação com o outro não somente influencia como também é determinante para sua existência identitária em um embate entre se apropriar e se reapropriar. Uma forma de se pensar o quanto está se investindo psicologicamente nessas novas formas da contemporaneidade de se relacionar para agarrar-se a uma sensação de pertencimento e territorialidade. Sendo essas tais formas de subjetivação possibilitadoras de suscitar sofrimento psíquico (depressão, ansiedade, distúrbio de autoimagem) para aqueles que a utilizam,

---

19 Disponível em: [Uso de Internet, televisão e celular no Brasil | Educa | Jovens - IBGE](#)

20 Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>

visto que há uma tendência a ser seguida, no caso deste artigo, uma padronização hegemônica estética e social. Medeiros complementa:

A contemporaneidade então emerge, estabelecendo um novo Outro a nos demandar, a nos construir e a nos subjetivar segundo suas novas práticas discursivas. Estas se caracterizariam pela onipresença da mídia produzindo uma avalanche de imagens que terminaria por asfixiar o próprio registro do Imaginário. Assim, as práticas midiáticas comprometeriam a possibilidade criativa de o sujeito desejante desenhar uma estética para aquilo que lhe causa. Sobraria para este sujeito da pós-modernidade apenas a escolha do que já foi interpretado pelo discurso imagético do Outro (Medeiros, 2012: 20).

## O CONTATO COM O OUTRO COMO FORMADOR DO EU

Poucos têm a oportunidade de se descobrir. É quase sempre o dominante que revela o marginalizado. A palavra gay me representa pouquíssimo. Nunca fui chamado assim na infância. Era sempre bicha, veado. São palavras inaugurais, revelam um mundo – Caio, 31 anos (Vanini, 2019).

Dando-se início a constituição da subjetividade, na teoria lacaniana ela possui aspectos no que diz respeito ao constructo da teoria do narcisismo, pois o psicanalista se aprofunda ao resgatar o papel da alteridade como fundamental ao papel do desenvolvimento da identidade do sujeito. Por meio do estágio do espelho, Lacan (1949) aponta para a insuficiência do ser e a necessidade do Outro como alguém capaz de dar sentido e significado a experiência e a existência. Nessa condição de ser insuficiente, demanda um outro capaz de reconhecê-lo como sujeito, enquanto ele mesmo não possa fazer. Isso quer dizer que há um assujeitamento ao outro, como uma primeira forma de alienação ao desejo do Outro (Sakiyama, Campos, 2016).

Contíguo ao estágio do espelho, há o complexo de Édipo como segunda forma de alienação pelo qual o indivíduo passa, mas neste caso, seria pelo processo simbólico e não pelo imaginário. Com isso, o indivíduo reconhece a falta, por meio da castração (presença simbólica da função do pai, que interdita o acesso a mãe). Por essa razão, ele é capaz de simbolizar e constituir sua subjetividade propriamente pela ordem do desejo simbólico de um sujeito marcado pela incompletude (Lacan, 1953).

Como também, Lacan (1958) resgata a ideia do narcisismo na psicanálise, concebendo uma diferenciação entre dois tipos de narcisismo, um primário e o outro secundário, sendo os dois estruturantes da subjetividade. O primeiro estando ligado a uma identificação à imagem unificada corporal que abre espaço para o Eu ideal, e o segundo que se relaciona propriamente a idealização da imagem do outro, na qual predomina o ideal do Eu (Eu ideal-ideal do Eu) (Garcia-Roza, 2008). “A finalidade e satisfação em uma escolha objetual narcisista consiste em ser amado” (Freud, 1914:104).

Bleichmar e Bleichmar também apontam:

Desde muito cedo, o homem fica preso em uma ilusão, da qual procurara se aproximar pelo resto de sua vida. [...] Portanto, vemos que o estágio do espelho não é apenas um momento do desenvolvimento do ser humano. É uma estrutura, um modelo de vínculo que operará durante toda sua vida (1989: 144).

Desta forma, o estágio do espelho de Lacan (1949), não é somente uma passagem estrutural na constituição do sujeito, mas também poderá ser identificada como a primeira forma de alienação deste indivíduo. Existem aspectos em relação a constituição da subjetividade que emergem pela via da elaboração, possibilitando transformações e diferenciações do indivíduo em relação ao seu núcleo familiar e social. Como também, o sujeito que se torna depositário das angústias de terceiros, como uma espécie de *self* habitado e parasitado que invade o psiquismo do indivíduo, fazendo com que não tenha a possibilidade de conseguir preservar a singularidade e subjetividade própria do sujeito, restando-lhe a compulsão a repetição e a necessidade de assumir um papel que lhe é determinado (Sakiyama, Campos, 2016).

A teoria lacaniana parte do pressuposto de uma ilusão que é produzida a partir do desejo do Outro, seria nesse caso, uma concepção de alienação originária, como posição ontológica fundamental sobre a concepção do Eu, que no caso, essa concepção de alteridade seria marcada pela falta (Poli, 2005).

A criança, desde sua vinda ao mundo, é requerida para compartilhar enunciados dos ancestrais, assegurando a continuidade geracional e a identidade familiar, às vezes, ao custo da sua integridade psíquica e até mesmo somática, já que estes enunciados poderão contradizer suas próprias percepções internas e externas (Correa, 2003: 40).

Afirma-se que o indivíduo vai significando e ressignificando suas experiências tanto pelo uso da linguagem, como também pela articulação de formas estéticas e simbólicas no campo sensorial de suas vivências, tratando-se assim da criação de formas (Safra, 1999). Sendo o eixo das percepções a respeito da estética uma forma de deslocamento do objeto para o sujeito.

“O homem é aquele a quem a imagem lhe falta. O homem é um olhar desejante que busca outra imagem atrás de tudo que ele vê” (Quignard, 1994: 9-10). Com esta citação, Medeiros (2012) argumenta que a produção de uma imagem seria, então, uma forma de construir a linguagem que não pode ser articulada pela palavra, sendo a potência de seu discurso atrelado a possibilidade de alguma ordenação pulsional. Como também, fonte produtora de uma angústia decorrente de uma percepção de um possível retorno à situação primeva em consequência da perda do objeto que a eliminou, estendendo-se à conflitos de representações internas, como o temor da castração, temor da perda do objeto de amor e temor da perda do amor do superego (Medeiros, 2012).

Assim como, “para proteger-se da proliferação das forças e impedir que abalem a ilusão identitária, breca-se o processo, anestesiando a vibratibilidade do corpo ao mundo e, portanto, seus

afetos” (Rolnik, 1997: 2), sendo uma tentativa de conseguir produzir um perfil identitário requerido socialmente, e de certa forma, culturalmente aceito. Ocorrendo assim, um esvaziamento de suas subjetividades em busca de um Eu ideal, talvez por conta de um efeito da falta ou de uma pulsão que exige do indivíduo um tipo de comportamento padronizado e internalizado como uma forma de “adequar-se ao meio”. O senso comum assume que pela existência desse nicho minoritário dentro do LGBT seja inerente ao homem gay ter tendências consideradas femininas, logo, não é raro que com maior frequência esse estereótipo seja reproduzido pela mídia (Oliveira, 2018: 17). Com isso, pode-se examinar alguns sintomas causados pela alienação em soma por fatores externos potencializadores (redes sociais, sociedade e aplicativos de relacionamento) como exemplo, a Vigorexia, a Afeminofobia e o *Spornosexual* que tem afetado, em específico, indivíduos homens gays, das mais diferentes formas.

#### O DIFERENTE QUE CAUSA REPULSA

Principalmente quando se é criança, ninguém gosta de ser apontado como diferente. É um processo longo até você se empoderar da sua diferença e ver como isso pode ser uma característica muito singular da sua formação – Caio, 31 anos (Vanini, 2019).

O conceito de afeminofobia (Sedgwick, 1993) representa uma aversão a noção feminina de performatividade de gênero que Butler (2011) constituiu como sendo os atos, as práticas e os discursos que se reiteram e que, por essa repetição, constroem realidades passíveis de compreensão. O corpo, portanto, nunca assume um papel neutro. Levando isso em consideração, será debatido como esse conceito é responsável por invalidar e categorizar indivíduos e seus corpos, apresentando conteúdos que estimulam e legitimam a produção de caráter pejorativo da afeminofobia e como, a mesma, é capaz de invalidar subjetividades. “A subjetividade é uma veste tecida pelo desejo e pela angústia com a qual o sujeito se veste ao concentrar-se com o Outro. E por ser um traje possui uma estética” (Medeiros, 2012: 17).

Os corpos abjetos apresentados por Freud (1930) existem a partir da negação ontológica que os categorizam imateriais, ilegítimos e ininteligíveis. Assim, os sujeitos constituídos discursiva e performativamente, definem os limites de sua própria condição de existência, sendo entendidos socialmente como não sujeitos, situados em um não-lugar no início da própria regra que estrutura a vida social de uma determinada matriz cultural. Para Butler (2011), o indivíduo está sempre em processo, construindo-se pelos atos e discursos que performatiza. Essa identidade performática faz parte de uma matriz discursiva que produz corpos e dita certas normas por meio de identidades que condizem com a normatividade e que sejam coerentes com esse ciclo social, como também, tentam se apresentar homogêneas, inseridas em uma matriz cultural normatizada. Contudo, não são

majoritários, pois não conseguem abranger todos os indivíduos. Há indivíduos que são resistentes e que vão contra a esses padrões, admitindo outros fazeres com seus corpos (Porto, 2016). Nessa visão, toda construção, seja de um sujeito ou de uma identidade cultural, envolve certo grau de normatização, mas cujo efeito é também a produção simultânea de elementos excluídos, marginalizados e de certa forma, patologizados.

Estes corpos abjetos, marginalizados, que neste subitem são representados pela afeminofobia, mostram os limites daquilo que existe, sendo assim, o seu exterior (Porto, 2016). Eles são a moldura do que a normalidade enquadra como desviantes, assombrando seus costumes tradicionais com a possibilidade de um dia passarem a "existir". Eles são a constante possibilidade do retorno do estranho ao não se enquadrarem em uma determinada norma social, são alocados à abjeção (Freud, 1930) e têm a existência e a materialidade de seus corpos ameaçados socialmente. Suas vidas tornam-se frágeis, pois são considerados menos humanos, aberrações de uma humanidade que se pretendia ser saudável e perfeita. Tornam-se vidas não passíveis de serem vividas (De Moura, Nascimento, 2020).

A afeminofobia está sendo comparada ao conceito de abjeto de Freud (1930), pois em uma sociedade colonial-patriarcal, Cornejo (2010) complementa, esta postura, embora atualmente esteja sendo vista de uma maneira mais passível de dois homens se relacionarem, os homossexuais não precisariam incorporar uma performatividade interpretada socialmente como feminina. Com isso, há uma patologização desse ser afeminado por não coincidir com seu suposto papel hegemônico de gênero (Sedgwick, 2007).

Esses efeitos opressores do colonialismo são responsáveis pela aniquilação subjetiva do eu do sujeito, uma vez que, é tratado como inferior, justamente pelo seu modo de ser (Fanon, 2008). São colocados em contextos da binariedade e quando fogem desse padrão, são considerados desviantes, por não atenderem os costumes e a demanda da heterossexualidade normativa, ou popularmente chamada, heteronormatividade (Warner, 2007). Associar o feminino para além da figura da mulher é o que a maioria machista, desinformada e preconceituosa, e em geral, dos indivíduos masculinos heterossexuais fazem ao tratar pejorativamente o gay afeminado, tecendo comentários a partir do viés do sistema binário de gênero, onde a aproximação com traços de feminilidade implica na desvalorização da identidade masculina, uma vez que este perde o lugar de prestígio atribuído aos traços sociais mais comuns do masculino (Connell, 2003).

Henry Jenkins (2015) diz que a imaginação e a criatividade são usadas para construir relações e dar sentido às experiências sociais. Com isso, a dicotomia do sexo biológico é disseminada na sociedade, se consolidando e produzindo categorizações, de modo que a representação dos órgãos

genitais, características exclusivamente biológicas, determinem e definam o “ser” homem ou mulher, sendo estes enquadrados dentro de uma lógica heteronormativa cisgênera<sup>21</sup> de matriz hegemônica. Desta forma, o binarismo sexual representa uma dessas categorizações quando afirma que o corpo possui somente duas formas constitutivas únicas, o feminino e o masculino, e que conseqüentemente manifestam papéis sociais também binários. Também, o modo sobre como a imposição de uma sexualidade é apontado como correta, legitimando somente os fins de reprodução, invisibilizando outros tipos de corpos e suas subjetividades. Louro (2013) entende que dessa maneira, o afastamento do que é compreendido como feminino pelos homens acaba abrindo precedente para a perspectiva identitária dos homens gays afeminados no contexto da produção de uma existência de masculinidades, bem como para a situações de afeminofobia. Entendendo dessa forma que, numa visão psicanalítica lacaniana, o gay afeminado estaria abrindo mão desse privilégio do falo, tornando-se um sujeito castrado (Lacan, 1981).

Esta contribuição de exclusão e estereotipante das situações de afeminofobia estão cada vez mais evidentes, pois o binarismo sexual como padrão preestabelecido, ainda é fortemente enraizado na sociedade. Entendendo também que esse enraizamento é proveniente do patriarcado (Saffioti, 2004) que legitima a misoginia, a violência de gênero e a dominação masculina (Bourdieu, 1999). “A dominação de gênero mostra que a violência simbólica se dá por meio de um ato de cognição e de mau reconhecimento que fica além do controle da consciência e da vontade, nas trevas dos esquemas de *habitus*<sup>22</sup> que são ao mesmo tempo gerados e gerantes” (Bourdieu, 1999: 23).

A configuração de uma heteronormatividade (Warner, 2007) “que enaltece as características associadas à masculinidade tradicional e muitas vezes é mobilizado na busca por estender tal masculinidade” (Braga, 2013: 13) que rejeita ou procura rejeitar, traços de feminilidade para determinar um lugar de poder, onde os homens heterossexuais estão num topo, hipoteticamente, hierárquico social, em superioridade a todos os outros indivíduos. Passa-se a entender que a internalização desses conceitos misóginos, patriarcais e de violência de gênero, como também, dessas subjetividades internalizadas, fazem com que indivíduos criem um certo tipo de padrão relacional e estético. O estigma pode ser definido como um atributo psicológico ou físico, aparente ou não, que está relacionado a uma marca social de vergonha, depreciando o indivíduo no convívio social (Goffman, 1988).

---

21 Cisgeneridade indica uma pessoa que tem anatomia, sexo e biologia alinhados com o gênero ao qual se identifica.

22 O conceito de *Habitus* foi criado por Bourdieu para exemplificar como os indivíduos percebem o mundo ao seu redor e como reagem a ele pelo seu modo de ser.

Sites de conteúdo adulto, como por exemplo, o Pornhub<sup>23</sup> (2019), faz uma revisão global anual onde apresentam pesquisas sobre as categorias mais procuradas no site. Os resultados reforçam e comprovam a questão desse estereótipo de busca por indivíduos *straight* (hétero) pela plataforma gay, onde essa categoria atingiu o primeiro lugar por dois anos consecutivos – 2018 e 2019. Soma-se também, a consolidação do quinto lugar nos termos mais procurados do site inteiro, sendo que os atores que se enquadraram nos principais históricos de busca são aqueles que performam maior virilidade e passibilidade do “ser” hétero, além de alguns serem denominados como *Gay for pay* – heteros que performam cenas de sexo homoafetivas em troca de dinheiro.

Logo, os que são discriminados e sofrem afeminofobia (Sedgwick, 1993), dentro da própria comunidade LGBTQI+<sup>24</sup>, acabam sentindo atração pelo estereótipo do agressor/dos que o rejeitam, e pior ainda, esse processo encontra-se tão internalizado que, de modo geral, o indivíduo que se considera afeminado passa a ter uma repulsa por ele mesmo de uma forma simbólica – ou não – uma vez que só o que se torna interessante, num sentindo da produção de um desejo, é aquele que o abomina (Bergling, 2001). Cria-se assim, um ciclo de produção de angústia, pois esses indivíduos tentam se aproximar desse lugar simbólico do desejo idealizado deteriorando e aniquilando por sua vez, sua própria subjetividade em prol de se estabelecer em um lugar de um ser desejado e não de um ser desejanste. “Se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (Bourdieu, 1999: 47).

Não só o desejo possuiria uma estética, como também, outras formações psíquicas também se expressariam ou se organizariam através da imagem ou da dimensão do visível, sendo assim fruto de um desejo coletivo pelas condições materiais (Medeiros, 2012).

Percebe-se, desta forma, ações estereotipantes para os indivíduos afeminados e passa-se assim a compreender o sintoma de invalidação de uma subjetividade a partir de seus modos performáticos de existência, com isso, analisa-se outro tipo de sintoma a seguir, onde indivíduos desenvolvem distúrbios corporais por conta dessa invalidação e pressão corporal estética e de normas a serem seguidas e assim, exercidas.

### MEU CORPO, MEU SINTOMA, MINHA ANGÚSTIA

Quando fomos crianças para quem as pessoas apontavam o dedo, nos chamando de veado e provocando o medo de ser quem somos, viramos adultos com um pensamento um pouco frustrado – Caio, 31 anos (Vanini, 2019).

---

23 Pornhub é um website destinado ao compartilhamento de vídeos pornográficos.

24 Termo mais aceito atualmente e que abrange as diversas orientações sexuais e identidades de gênero.

A definição de vigorexia se entende por um distúrbio de percepção da imagem corporal que leva algumas pessoas, geralmente as do sexo masculino, à prática exagerada da atividade física (DSM-5, 2014). De Freitas, Zortea, Wagner e De Oliveira (2020) entendem que assim como a anorexia e bulimia, o transtorno é definido como um distúrbio compulsivo por um padrão corporal acarretando uma alteração perceptual da imagem e da autorrepresentação do próprio corpo.

Assim como De Freitas et al (2020), reiteram que a imposição de uma possível padronização estética corporal veiculada pela mídia seria um dos precursores para desencadear esse tipo de transtorno, uma vez que incentiva um ideal de perfeição a ser seguido, como se não houvesse falhas e/ou defeitos. Como também, retratam esses corpos, como ausentes de gordura e torneados com delimitações bem-marcadas dos músculos corporais como ideais de saúde e boa forma.

Rodrigues, Junior e Carrim (2018) compreendem o assunto como uma dismorfofobia<sup>25</sup> por se tratar de uma compulsão pela busca da boa aparência. Essa relação se monta a partir da dinâmica da imagem corporal dos indivíduos que são expostos constantemente às influências e imposições de uma valorização e com os preceitos estéticos propagados pelas mídias sociais que estipulam um ideal de beleza inatingível. Assim como, essa síndrome pode ser estimulada, frequentemente, por influência midiática uma vez que existe uma incansável exposição de corpos esculturais nas redes sociais, valorizando ao máximo um certo tipo de imagem que, para muitos, está vinculada aos conceitos de sucesso, bem-estar, foco/determinação, felicidade, inserção social, e que por sua vez, são atingidos apenas quando se alcança um corpo “perfeito” (Gibim, Pinheiro, Castro, Pinheiro, Vespasiano, 2017).

Para Rodrigues et al (2018) este tipo de dismorfia corporal pode ser representada pela preocupação do indivíduo em acreditar no fato de seu corpo não estar musculoso ou esculpido o suficiente, passando assim, por um estado de angústia e sofrimento psicológico para que se consiga obter esse certo tipo de “corpo ideal” através de mais exercícios físicos, dietas e até o uso de substâncias químicas, como os anabolizantes, para a obtenção do mesmo. Algumas destas substâncias trazem efeitos colaterais significativos e nocivos para o indivíduo, tais como a suscetibilidade às doenças, além de alterações psicológicas, como o aumento ou diminuição da libido, alterações do humor, comportamento agressivo e efeitos envolvendo a psiquê do sujeito, como, a psicose, histeria e sintomas de depressão (Machado, Ribeiro, 2004).

De acordo com Rodrigues (1975) a cultura, assim como a mídia num contexto atual, dita normas em relação ao corpo. Normas essas que o indivíduo tenderá, à custa de certa uma submissão,

---

25 Doença mental que envolve um foco obsessivo em um defeito que a pessoa considera ter na própria aparência.

a se conformar ou não, até o ponto de estes padrões de comportamento se apresentarem como naturais. A obsessão pela imagem corporal por alguns indivíduos do sexo masculino tem se tornado compulsiva (Motter, Belline, Almeida, 2017).

O DSM-5 (2014) já a classifica como doença, sendo um sintoma da neurose obsessiva compulsiva, comumente chamada de TOC (Transtorno obsessivo-compulsivo). Ballone (2016) ressalta que os transtornos dismórficos são patologias originadas por conta de uma sociedade da qual o culto a imagem, a aparência física se sobressai em detrimento da subjetividade, como também está relacionada a predisposições do indivíduo. O termo se originou de uma perspectiva psiquiátrica, portanto deve-se traçar caminhos para o que a psicanálise freudo-laciana, como ciência, constituiu a respeito das manifestações desse sintoma no sujeito e qual seria sua relação de gozo.

Para Assoun (1995), o corpo não é uma essência psicanalítica específica, mas pode-se considerar como um conceito que atravessa a psicanálise a partir de Freud quando se refere a pulsão sexual como um limite estando entre o psíquico e o somático. Lacan também cita o corpo, situando-o em três registros: o imaginário, o simbólico e o do real. A primeira, na qual a conquista de corpo se torna constitutiva para o Eu, a segunda o corpo é marcado pelo significante e a terceira, onde o corpo emerge como sinônimo de gozo.

A respeito disso, para entender essa conexão, Lacan<sup>26</sup> (1949), no XVI Congresso da IPA em Zurique, afirma ser o Estádio do Espelho e qual a função dele na formação do Eu. Em uma de suas considerações, exemplifica que quando o sujeito passa a se reconhecer, ocorre uma transformação com a imagem com a qual ele se identifica, produzindo de certa forma, efeitos subjetivos sobre ele. É então que a figura do Eu se precipita no sujeito a partir de sua imagem, elucidando a criação de um Eu ideal, do qual ele jamais conseguirá alcançar, pois essa mesma imagem dará origem as identificações secundárias.

Então, nessa concepção, o estágio do espelho não só mostra a alienação à imagem detalhadamente como ponto de partida da constituição do Eu, mas também a respeito sobre o seu fado alienante. Tratando-se assim da subjetivação do corpo, em que esse corpo é tomado pelo significante promovendo uma perda de gozo, para que o sujeito possa existir como um ser desejante. Sendo nesse sentido que o simbólico organiza o imaginário.

(...) o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação — e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua

---

26 A primeira vez que Lacan apresentou a teoria do estágio do espelho (*Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*) foi em 1936, porém em 1949 retoma com acréscimos sobre a teoria.

totalidade que chamaremos de ortopédica — e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (Lacan, 2003: 49).

É a partir do que Ballone (2016) traz sobre o período em que o corpo, geralmente na adolescência, passa por transformações mais rigorosas, quando o sujeito passa a ser mais exigente quanto a sua forma física, uma vez que tende a querer se enquadrar aos estereótipos sociais, como também um elemento na formação da identidade do sujeito. A percepção identitária está relacionada diretamente as introjeções culturais daquilo que é representado como belo. Alimentando por sua vez, o sintoma da culpa como consequência de não conseguir atingir as expectativas de beleza.

Logo, para Lacan (2003) a percepção do estágio do espelho é de um ser fragmentado buscando um Eu ideal, a partir de uma tentativa de assimilação ao conceito do estereótipo e de imagem do Outro. Sendo assim, neste conceito, estimulando o sintoma patológico da vigorexia. “A imago do outro parece estar ligada à estrutura do corpo próprio, e, mais especialmente, de suas funções de relação, por certa similitude objetiva” (Lacan, 2003: 44).

Portanto, esses sintomas obsessivos estão relacionados a um gozo do pensamento como forma de satisfazer esse sintoma. Esse trauma – seja ele qual for – é deslocado, no caso da vigorexia, para a insatisfação do corpo. Sendo assim, o conceito do estágio do espelho feito por Lacan (1949) sustenta o argumento do sintoma dismórfico, a partir do momento em que se percebe que o sujeito é um Eu faltante, e que para se sentir completo, ele precisa, necessariamente, de um Outro a ser alcançado, como exemplo neste subtópico, os supostos padrões hegemônicos estéticos midiáticos impostos, e com isso, alimentando o sintoma desse desejo internalizado.

### ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS SEXY DO QUE EU?

Quando tinha uns 13 anos, tentei me adequar, usando roupas heteronormativas da moda. Vestia muito surfwear. Graças à ‘deusa’, a vida me disse: ‘gata, sai dessa vibe Billabong e tênis Reef – Caio, 28 anos (Vanini, 2019).

Abre-se também o debate do conceito *Spornosexual* criado por Mark Simpson (2014) em um pequeno artigo no *Daily Telegraph*, termo este que deriva-se das palavras esporte, pornografia e *metrossexual*<sup>27</sup> (Simpson, 2014), utilizado para descrever homens que estão preocupados, em excesso, com sua imagem estética e física, passando assim, muitas horas na academia e utilizando suas imagens como símbolos auxiliares masturbatórios de prazer – seus corpos são fonte de prazer para eles mesmos em decorrência de um narcisismo extremo (Bangeles, Serentas, Tik-ing, Tarusan, 2015).

---

27 O termo metrossexual foi criado pelo próprio Simpson há 10 anos atrás para determinar homens supervaidosos, preocupados sempre com elementos da estética e da moda.

Um homem *Spornosexual* é a imagem que tem que ser apresentada e percebida por si mesmo e pelos outros. Como também, mudanças na forma de um indivíduo se apresentar ao público permitem que a pessoa socialize e crie interação que na maioria das vezes é regida pelos pequenos gestos que caracterizam mudanças para ganhar o direito de defender a conotação usual de um ser masculino, atlético e esportivo (Leary, Tangney, 2012). Outra razão para tal mudança é a verdadeira razão de construir ou reconstruir a si mesmo. A criação de sua identidade ou a recuperação de um ser arruinado muitas vezes motiva um indivíduo a manter as expectativas que o Eu ou Outro esperam que ele seja. Além disso, geralmente o que é associada à reparação da identidade é a necessidade de um indivíduo ganhar ou recuperar a autoestima e autovalorização desse Eu frustrado (Alicke, 2011).

Tais mudanças podem ser únicas para o sujeito ou reproduzidas de outro indivíduo que possui uma imagem favorável a ele. Geralmente chamado de "Efeito Camaleão", um indivíduo inconscientemente copia ou imita maneirismos, hábitos ou até mesmo aparência física de outro indivíduo para ganhar afinidade, construir e promover relacionamentos (Hattie, Yates, 2013).

Fazendo desta forma uma referência ao conceito de imagem e estádio do espelho de Lacan (1949), onde o indivíduo busca em si o que há no Outro, sendo assim, alimentando o Eu ideal, aquele que nunca é alcançado, assim como, uma simbologia narcísica de uma alienação a si mesmo (Lacan, 1949). Como também ao conceito de narcisismo de Freud (1914) que explica que o narcisismo é um estágio em que se verifica a passagem do autoerotismo, que seria do prazer que é concentrado no próprio corpo, para eleição de outro ser como objeto de amor (Freud, 1914).

À medida em que os indivíduos metrossexuais comparam suas imagens através de revistas de moda masculina, os indivíduos *Spornosexuais* são impulsionados pela exposição pessoal como estrelas pornô com as quais eles se comparam. As inspirações também são comumente desenvolvidas pela exposição prolongada à pornografia. Além do investimento físico em inúmeras horas na academia. Muitas vezes os homens podem pensar que as pessoas com os quais sentem prazer em se relacionar, são sexualmente atraídas por homens com peito grande, braços musculosos e com barriga “tanquinho” (Nickel, 2012).

Esse conceito dos homens *Spornosexual* entra em contraste com a patologia da vigorexia, pois no segundo caso, os indivíduos possuem uma grande angústia, que muitas vezes os levam a uma ansiedade social que fazem com que tenham vergonha de seus corpos por não sentirem que são “perfeitos” – pela busca do Eu não alcançado. Enquanto no primeiro caso, os indivíduos sentem a necessidade e vontade de exibir seus corpos, como forma de expor uma imagem viril ao público – sintoma narcísico que supera o Eu. Isso pode ser comprovado pela forma como as mídias sociais

exaltam indivíduos esteticamente padronizados, no caso deste subitem, sujeitos *Spornosexuais*, que tiram fotos de si mesmos mostrando apenas a aparência física, masculinidade/virilidade e *Selfies*<sup>28</sup> publicando-as nas plataformas sociais como Twitter, Facebook, Instagram, Grindr e Tinder, criando uma imagem que puxa as pessoas a fornecer afinidade e desejo (Chambers, 2013; Rutledge, 2014).

Utilizando as plataformas sociais como embasamento de comprovação, é possível constatar que o número de revistas impressas diminuiu drasticamente suas produções por conta do índice de consumo e procura, tendo assim que se adequar aos novos meios modernos digitais (Sweney, 2014), com isso, empresas como o Instagram se viram na possibilidade de um novo tipo de produtividade de consumo: fotos instantâneas de pessoas ao redor mundo. O sucesso foi tão grande que a adaptação ao uso da nova ferramenta foi necessária, trazendo-se assim, empresas querendo divulgar seus produtos e informações através da plataforma (Plunkett, 2014). Com os sintomas da contemporaneidade essa percepção não poderia ser diferente, no caso do *Spornosexual* e até mesmo da patologia da vigorexia, pode-se perceber o aumento de publicações que são atribuídas com *hashtags*<sup>29</sup> com os temas relacionados a esses conceitos, como exemplo, *posts*<sup>30</sup> com as *hashtags* *#fitness*(437M), *#selfie*(445M), *#bodybuilding*(114M), *#body*(62,4M), *#fitfam*(116M), *#fitspo*(72,8M), *#nopainnogain*(25,2M), *#nopain*(1,3M), *#muscle* (61,3M) e *#fit*(171M) são de sua maioria de homens musculosos exibindo seus corpos. De certa forma contribuindo para a ideia da comercialização de seus corpos subjetivados e padronizados esteticamente, transformando assim passíveis de serem espetáculos midiáticos a partir do momento em que recebem repercussões positivas em suas publicações, como elogios, curtidas e seguidores<sup>31</sup> (Simpson, 2014). Concomitante a isso, seriam essas as formas de alimentar o sintoma do desejo e do corpo como objeto de consumo, uma vez que esses indivíduos sentem que estão sendo desejados por aqueles que os observam/consomem.

Uma série de estudos exploraram diferentes locais onde o corpo masculino se tornou mais visível no período que Anthony Giddens (1991) chamou de modernidade tardia: no cinema de Hollywood (Tasker, 1993), na integração de práticas associadas à cultura gay metropolitana (Halperin, 1995; Sinfield, 1998) e nas culturas visuais do consumismo, como publicidade, revistas e espaço de

---

28 Selfie é o termo usado para se referir as fotos que são tiradas apenas do rosto de uma pessoa, geralmente tiradas pela câmera frontal do telefone.

29 Hashtag é um termo associado a tópicos que podem ser pesquisados em redes sociais, inserindo o símbolo do “jogo da velha” (#) antes da palavra ou frase que você queira destacar.

30 Post é o conteúdo criado nas plataformas digitais, eles podem ser fotos, vídeos, textos ou todos juntos.

31 Seguidores são pessoas que incluem outras pessoas em suas próprias redes sociais, passando a receber notificações das publicações daqueles a quem seguem.

varejo (Chapman, Rutherford, 1988; Nixon, 1996). Eles argumentam que seu surgimento, particularmente após a década de 1970, foi significativo porque historicamente o corpo masculino tinha sido muito menos visível do que o corpo feminino nas culturas populares da modernidade. Isso significa que, durante esse período, aqueles que mantiveram o poder – classe média, branca, heterossexual, cis gênero, homens – definiram-se através de sua mente, ao mesmo tempo em que definiram aqueles que subordinaram: a mulher, a bicha, a classe trabalhadora e indivíduos considerados não-brancos – através de seus corpos (Grosz, 1994).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades (CFP, 1999).

Este artigo entende essas formas particulares de constituição corporal masculina mediado digitalmente como uma montagem de práticas culturais que inclui, mas não podem ser reduzidas a atos de (auto-)representação, pois envolvem tanto a formulação da materialidade dos corpos masculinos de acordo com os ideais de beleza contemporâneos, bem como a produção de uma perda de subjetividade e consumo de imagens desses corpos no espaço digital. Essas práticas não podem ser separadas e envolvem uma multiplicidade de competências e conhecimentos. Então, esta monografia em Psicologia mostra-se relevante por trazer à tona reflexões sobre como a pressão externa afeta a constituição subjetiva dos indivíduos dessa sociedade contemporânea, incluindo também os homens gays – público tão pouco estudado nesses debates, uma vez que é demandado da Psicologia enquanto ciência e profissão se posicionarem frente a esses sofrimentos psíquicos. A ausência de reflexão pode causar uma moralização sobre o tema, visto que o profissional não entende que as questões de gênero e sexualidade fazem parte da constituição do sujeito.

Entende-se também a necessidade de alterar a visão social do ser gay, uma vez que o sistema patriarcal ainda é muito presente nesta sociedade e distorce a visão de feminilidade com um ser submisso e patologizado – ainda mais quando ocupa grupos minorizados, como a população preta. Como foi possível linkar as mídias sociais, a sociedade patriarcal e opressora como os principais

causadores dos sintomas de angústia corporal, perda de subjetividade e internalização de comportamentos retrógrados e patologizantes.

Diante disto, conclui-se que a concepção de narcisismo lacaniana deve sobrepujar a hipótese da falta que permitirá o desenvolvimento dos processos de simbolização, por meio da triangulação edípica. O desejo é produto da renúncia e o narcisismo é uma resistência a esse destino que remete ao campo da recusa. Nesse sentido, é possível refletir sobre os processos de simbolização desse período de desenvolvimento questionando-os se realmente são essenciais à constituição da subjetividade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALICKE, M. D. (2011). *Handbook of Self-Enhancement and Self Protection*. Nova Iorque: Guilford Press.

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (2014) *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.

ASSOUN, J., Railhac JJ, Richardi G, Fajadet P, Fourcade D, Sans N. (1995) CT and MR of accessory soleus muscle. *Journal of computer assisted tomography*, v. 19, n. 2, p. 333-335.

BALLONE, G. J. (2016) - Vigorexia - Síndrome de Adonis - in. *PsiquWeb*. Disponível em <http://www.psiqweb.med.br>. Acesso em: 05 nov 2021

BANGELES, D., SERENTAS, W., TIK-ING, L. & TARUSAN, M. (2015) Spornosexual: A Case Study. *Psychology*, v. 6, n. 09, p. 1067.

BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira & DA SILVA, Laionel Vieira. (2016) A mídia como instrumento modelador de corpos: Um estudo sobre gênero, padrões de beleza e hábitos alimentares. *Razón y Palabra*, v. 20, n. 94, p. 672-687.

BAUMAN, Zygmunt. (1999) *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.

BERGLING, Tim. (2001) *Sissyphobia: Gay men and effeminate behavior*. Harrington Park Pr.

BOURDIEU, Pierre. (1999) *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand.

BRAGA, Gibran Teixeira. (2013) “Não Sou nem Curto”: prazer e conflito no universo do homeorotismo virtual. Dissertação (Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro.

- BUTLER, Judith. (2011) *Bodies that matter: On the discursive limits of sex*. Taylor & Francis.
- BUTLER, Judith. (2003) *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Tradução: Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CHAMBERS, Deborah. (2013) *Mídias Sociais e Relações Pessoais: Intimidades Online e Amizades Em Rede*. New York: St. Martin's Press LLC.
- CHAPMAN, Rowena & RUTHERFORD, Jonathan (1988) *Male Order: unrapping masculinity*. Londres: Lawrence & Wishart.
- CORNEJO, Giancarlo. (2010) La guerra declarada contra el niño afeminado. *Anais eletrônicos do*, v. 9.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP n. 1, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia.
- DE FREITAS, Thais Lins, ZORTEA, Giovanna Botini, WAGNER, Valdilene & DE OLIVEIRA, Leonardo Pestillo (2020) Vigorexia: influência dos padrões estéticos culturais e obsessão pelo corpo ideal. *Inova Saúde*, v. 9, n. 2, p. 176-189.
- DE LIMA, Douglas Mota Xavier. *Uma História Contestada: A História Medieval na Base Nacional Comum Curricular (2015-2017)*. (2019) *Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, n. 26, p. 8.
- DE MOURA, Renan Gomes & NASCIMENTO, Rejane Prevot. (2020) “Eu Não Virei, Eu Nasci”: discutindo a Afeminofofia a partir da figura do gay e do menino afeminado. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, v. 7, n. 2 jan.-jun., p. 242-262.
- DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. (2004) *O mundo dos bens. Para antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: EDUFRJ.
- FANON, Frantz (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- FOUCAULT, Michel. (1985) *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal.
- FREUD, Sigmund (1914). (1996) *Sobre o narcisismo. Uma introdução*. ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- FRUED, Sigmund (1929/1930). (1930) *O Mal Estar na Civilização*. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. (2008) *Introdução à metapsicologia freudiana. Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (7a ed., Vol. 3)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- GIBIM, Kelli Cristina Rossenotto; PINHEIRO, Luciano Henrique Nunes; CASTRO, Cristiana de; PINHEIRO, Andressa Mello & VESPASIANO, Bruno de Souza (2017) Síndromes de alteração de percepção em atletas fisiculturistas. *Corpoconsciência*, Cuiabá, v. 21, n. 1, p. 12-19.
- GIDDENS, Anthony. (1991) *Modernity and self-identity: Self and society in the late modern age*. Stanford university press.
- GILBERT, Martin. (2016) *História do século XX*. Leya.
- GOFFMAN, Erving. (1988) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- GOVERNO DO BRASIL. (2021) Denunciar violação de direitos humanos (Disque 100). <https://www.gov.br/pt-br/servicos/denunciar-violacao-de-direitos-humanos>
- GROSZ, E. (1994) *Corpos Voláteis: rumo a um feminismo corpóreo*. Bloomington: Indiana University Press.
- HALPERIN, David M. (1995) *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography*. Oxford: Oxford University Press.
- HATTIE, J., & YATES, G.C. R. (2013) *Aprendizagem Visível e a Ciência de Como Aprendemos*. Routledge.
- LACAN, Jacques (1998) *A significação do falo*.
- LACAN, Jacques (1949) (1998) *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, Jacques (1969) *Nota sobre a criança*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LE GOFF, Jacques; POUTHIER, JEAN-LUC. (2007) *O Deus da Idade Média*. Editora Record.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. (2006) *Uma história do corpo na idade média*. Tradução Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LEARY, M. R., & Tangney, J. P. (2012) *Manual de Auto e Identidade*. Guilford Press.
- LOURO, Guacira Lopes. (2013) *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- MACHADO, Anderson Geraldo; RIBEIRO, Paulo César Pinho. (2004) *Anabolizantes e seus riscos*. *Adolescência & Saúde*, v. 1, n. 4, p. 1-3.
- MEDEIROS, Sergio. (2012) *Estética, Angústia e Desejo*. Rio de Janeiro: Juruá.

- MOTTER, Giacomelli Motter; ALMEIDA, Steffânia; BELLINI, Magda (2017) Incidências de vigorexia em praticantes de musculação. *Do corpo: ciências e artes*. v. 7, n. 1, p. 117-127.
- NICKEL, J. (2012) *Atração Básica*.
- NIXON, S. (1996) *Olhares duros: masculinidades, espectadores e consumo contemporâneo*. Londres: UCL Press.
- OLIVEIRA, Matheus Moraes. (2018) *A Padronização Do Homem Gay Na Propaganda: Uma Perspectiva Racial*. 2018. 33 F. Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação Em Comunicação Social - Publicidade E Propaganda) – Universidade Federal De Mato Grosso, Faculdade De Comunicação E Artes, Cuiabá.
- PORNHUB. (2019) The 2019 year in review. [www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review](http://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review)
- PORTO, Tiago da Silva. (2016) A incômoda performatividade dos corpos abjetos. *Ide (São Paulo)*, São Paulo, v.39, n.62, p.157-166.
- Plunkett, J. (2014) A Men's Health continua forte no topo do mercado de revistas masculinas pagas. Recuperado de: <http://www.theguardian.com/media/2014/aug/14/mens-health-hearst-rodale->
- QUIGNARD, P. (1994) *Sexe Et L'Effroi*, Le.
- RODRIGUES, Raynner Régis; JÚNIOR, Ademar Azevedo Soares; CARRIM, Aysha Jussara Ivonilde. (2018) Análise da relação de vigorexia e distúrbio de imagens de indivíduos do sexo masculino praticantes do treinamento resistido. *RENEFARA*, v. 13, n. 3, p. 127-137.
- ROLNIK, Suely. (1997) *Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, p. 19-24.
- RUTLEDGE, P. (2014) *Spornosexuality Body Image and Boys*.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. (2004) *Gênero, patriarcado, violência*. p. 151-151.
- SAFRA, G. (1999) *A Face Estética do Self: teoria clínica*. (164p.) São Paulo: Unimarco.
- SANTAELLA, Lúcia. (1994) *Estética: de Platão a Pierce*. São Paulo: Experimento.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. (1993) *How to bring your kids up gay: The war on effeminate boys*. In: *Tendencies*. Durham: Duke University Press.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. (2007) *A Epistemologia do Armário in Cad. Pagu [online]*. n.28, p. 19-54.
- SIBÍLIA, Paula. (2008) *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SIMPSON, M. (2014) *The Metrosexual Is Dead. Long Live the "Spornosexual"*. Daily Telegraph.
- SINFIELD, A. (1998) *Gay e depois*. Londres: Cauda da Serpente.

SWENEY, Mark. (2014) As revistas de consumo do Reino Unido perderam quase 1 milhão de vendas de impressão no primeiro semestre de 2014 – ABC. Recuperado de: <http://www.theguardian.com/media/2014/aug/14/uk-consumer-magazines-print-sales-2014>.

TASKER, Y. (1993) *Corpos Espetaculares: Gênero, gênero e cinema de ação*. Londres: Routledge.

VANINI, Eduardo. (2019) Gays efeminados relatam rotina de discriminação e contam como se fortaleceram. O Globo, Rio de Janeiro, 09 de novembro de 2019. <https://oglobo.globo.com/ela/gays-efeminados-relatam-rotina-de-discriminacao-contam-como-se-fortaleceram-24067503>

VEIGA, Lucas (2018). As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. *Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador*, Vol.: 12; nº. 01, junho.

WARNER, Michael. (2007) *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, p. 69-81.

WOLF, Naomi. (1992) *O mito da beleza*. Rocco.

ZAGO, Luiz Felipe. (2009) *Masculinidades disponíveis. com: sobre como dizer-se homem gay na internet*.